

## IMMANUEL KANT

Tradução<sup>1</sup> e notas de ALEXANDRE HAHNUniversidade de Brasília  
hahn.alexandre@gmail.com

VIII 91

|| Os conhecimentos, que as recentes viagens têm disseminado acerca das multiplicidades no gênero humano, contribuíram até o momento mais para incitar o entendimento à investigação desse ponto do que para satisfazê-lo. É muito importante ter previamente bem determinado o conceito, que se quer esclarecer por meio da observação, antes que se interroge a experiência por sua causa; pois, nela se encontra o que se necessita somente quando de antemão se sabe o que se deve procurar. Muito é dito sobre as diferentes *raças humanas*. Alguns entendem que se trata de *espécies* muito diferentes de homens; outros, ao contrário, se restringem a um significado mais estreito, no entanto, parecem julgar essa distinção não muito mais considerável do que aquela que os homens estabelecem entre si quando se pintam ou se vestem. Meu objetivo é agora tão-somente determinar de forma precisa esse conceito de uma *raça*, se é que isso existe no gênero humano; a explicação da origem das raças realmente existentes, as quais se considera aptas a receber essa denominação, é apenas uma ocupação secundária, com a qual se pode | proceder como se quiser. E, no entanto, eu vejo que homens de resto perspicazes, na sua avaliação daquilo que foi dito alguns anos atrás unicamente a esse respeito,<sup>2</sup> direcionaram sua atenção exclusivamente a esse tópico secundário, a saber, à hipotética

A 391

---

<sup>1</sup> A presente tradução se baseia na edição de Wilhelm Weischedel das *Obras* de Kant (*Werke in sechs Bänden*. Hrsg. von Wilhelm Weischedel. Darmstadt: WBG, 1983). Também foram consultadas a edição da Academia Prussiana de Ciências dos *Escritos* de Kant (*Kants gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Preußischen Akademie der Wissenschaften. Bd. 8. Berlin und Leipzig: Walter de Gruyter, 1923), a tradução para o inglês de Holly Wilson e Günter Zöllner (“Determination of the concept of a human race”. In: KANT, I. *Anthropology, history, and education*. Edited by Günter Zöllner and Robert B. Loudon. 1<sup>st</sup> ed. Cambridge: CUP, 2009), bem como a tradução francesa de Stéphane Piobetta (“Définition du concept de race humaine”. In: KANT, I. *Opuscules sur L’Histoire*. Introduction, notes, bibliographie et chronologie par Philippe Raynaud. Paris: Flammarion, 1990). Note-se que a numeração à direita do texto (precedida pela letra “A”) corresponde à paginação da primeira edição do ensaio (conforme publicado em 1785, na *Berlinische Monatsschrift*), ao passo que aquela à esquerda representa a paginação da edição da Academia (os algarismos romanos se referem ao *volume*, no qual se encontra a obra, e os algarismos arábicos à *página*). As siglas “NT” e “K”, que aparecem no final das notas, significam, respectivamente, nota do tradutor e nota original do texto de Kant. (NT)

<sup>2</sup> Cf. ENGEL, Johann Jacob. *Der Philosoph für die Welt*, Teil II, pp. 125ss. (K)

aplicação do princípio, mas o próprio princípio, do qual tudo depende, apenas tocaram levemente. Esse é um destino que acomete várias investigações que remontam aos princípios; e que, por isso, pode desaconselhar qualquer disputa e justificação em assuntos especulativos, mas que, por outro lado, tão-só recomenda a determinação mais precisa e o esclarecimento dos mal-entendidos.

1) APENAS AQUILO QUE É HEREDITÁRIO EM UM GÊNERO ANIMAL PODE JUSTIFICAR UMA DIFERENÇA DE CLASSE NO MESMO GÊNERO

VIII 92

O *mouro* (mauritano) que, bronzeado pelo ar e pelo sol da sua terra natal, tanto se diferencia do alemão ou do sueco através da || cor da pele, e o *crioulo* francês ou inglês da Índia Ocidental que parece pálido e exaurido, como que acometido de uma doença que jamais se cura, podem por essa razão tampouco pertencer a classes diferentes do gênero humano, quanto o camponês espanhol de *La Mancha* que anda vestido de preto como um mestre-escola, porque as ovelhas da sua província geralmente possuem a lã preta. Isto porque, se o Mouro cresceu em quartos e o crioulo na Europa, então ambos não podem ser diferenciados dos habitantes do nosso continente.

A 392

O missionário *Demagnet*<sup>3</sup> enxerga a si mesmo como se fosse o único apto a julgar corretamente acerca da pretidão dos negros, já que se deteve na *Senegambia* por algum tempo, e nega a seus conterrâneos, os franceses, qualquer juízo acerca desse assunto. Eu, em contrapartida, afirmo que na França se é capaz de julgar muito mais acertadamente sobre a cor dos negros que lá permaneceram por longo tempo, melhor ainda sobre a daqueles que lá nasceram, na medida em que se quer determinar a partir disso a diferença de classe dos mesmos em relação aos outros homens, do que na própria terra natal dos

<sup>3</sup> Abbé [Jean-Baptiste] Demagnet (17?-c.1786) foi um clérigo francês que viajou como missionário pela África durante o século XVIII, especialmente pelo Senegal. Escreveu a obra *Nova história da África francesa (Nouvelle Histoire de l'Afrique française)*, publicada em 1767, na qual apresenta um novo mapa da África francesa, relata aspectos geográficos e astronômicos, bem como observações acerca dos hábitos, moral, religião e o comércio daquela região. – Cf. DEMANET, Abbé. *Nouvelle Histoire de l'Afrique Française*. Paris, 1767, Tome Second, p. 218ff.; confira também a tradução alemã *Neue Geschichte des französischen Afrika*. Leipzig, 1778, 1. Band, p. 18ff.; und 2. Band, p. 155ff. (NT)

pretos. Pois, isso que na África o sol imprimiu na pele do negro, e que, portanto, é nele apenas accidental, tem de se omitir na França e restar apenas a pretidão a ele atribuída pelo seu nascimento, | que ele transmite adiante [*weiter fortplanzt*], e que apenas por isso pode ser utilizada para uma diferença de classe. Ainda não se pode formar qualquer conceito seguro acerca da verdadeira cor dos insulanos dos mares do sul a partir de todas as descrições anteriores. Pois, se a cor de mogno é atribuída a alguns deles, eu ainda não sei quanto desse marrom se deve a uma mera coloração pelo sol e o ar, e quanto disso se deve ao nascimento. Somente uma criança, gerada por um tal casal na Europa, revelaria sem ambigüidade a cor de pele que lhe é própria *por natureza*. Eu infiro de um trecho do relato de viagem de *Carteret*<sup>4</sup> (o qual, de fato, pouco pisou em terra firme na sua expedição marítima, mas que mesmo assim avistou diversos insulanos sobre suas canoas) que os habitantes da maioria das ilhas têm de ser brancos. Pois, na *Ilha Free Will* (próxima das ilhas pertencentes às águas índicas), conforme ele diz, ele viu pela primeira vez o *autêntico amarelo* da cor de pele indiana. Por isso, se a constituição das cabeças em Malakula se deve à natureza ou ao artifício [*Künstelei*], ou quanto se diferencia a cor *natural* da pele dos cafres da dos negros, e outras tantas propriedades características, se elas são hereditárias || e impressas pela própria natureza no nascimento ou apenas acidentalmente, é algo que nem de longe poderá ser identificado de forma decisiva.

A 393

VIII 93

## | 2) PODE-SE ADMITIR QUATRO DIFERENTES CLASSES DE HOMENS EM VISTA DA COR DA PELE

A 394

Nós não conhecemos com certeza outras diferenças hereditárias de cor de pele além daquelas dos *brancos*, dos indianos *amarelos*, dos *negros* e dos americanos de pele *vermelho-cobre*. É notável que esses caracteres pareçam se ajustar perfeitamente à divisão

---

<sup>4</sup> Philip Carteret (1733–1796) foi um explorador geográfico e oficial da marinha britânica que participou de duas expedições de circunavegação da marinha real (em 1764-66 e 1766-69). Nesta última expedição, descobriu várias ilhas nos mares do sul. – Cf. *Historischer Bericht von den sämtlichen durch Engländer geschehenen Reisen um die Welt, und den neuesten dabey gemachten Entdeckungen, in einem gestreuten Auszuge aus der Seefahrer Tagebuchern*. Aus dem Englischen übersetzt, 3. Band, Leipzig, 1776, p. 162 ff. (NT)

em classes do gênero humano, *primeiramente* porque cada uma dessas classes é consideravelmente isolada em vista da sua residência (isto é, segregada das restantes, mas unida em si mesma): a classe dos *brancos* vai desde o Cabo Fisterra passando pelo Cabo Norte, o Rio Ob, a Pequena Bujara, Pérsia, a Arábia Feliz, Abissínia, a fronteira norte do Deserto do Saara até o Cabo Branco na África ou a Foz do Senegal; a dos *pretos* de lá até o Cabo Negro e, com exceção dos cafres, de volta à Abissínia; a dos *amarelos* no próprio Hindustão até o Cabo Comorim (uma sub-linhagem deles se encontra na outra península da Índia e em algumas ilhas próximas); a dos *vermelhos-cobre* em uma parte totalmente separada do mundo, a saber, a América. A *segunda* razão pela qual esse caráter se ajusta perfeitamente à divisão em classes, embora uma diferença de cor possa parecer muito insignificante a alguns, é que a secreção pela transpiração tem de ser a parte mais importante da prevenção [*Vorsorge*] da natureza, pressupondo que a criatura – transplantada nas mais diversas regiões da Terra, onde é afetada muito diversamente pelo ar e pelo sol – deve resistir de um modo que necessite o mínimo de arte [*Kunst*], e que a pele, considerada como órgão daquela secreção, carrega em si mesma o traço dessa diversidade do caráter natural que justifica a divisão do gênero humano em classes visivelmente diferentes. – Aliás, eu peço que se admita a, por vezes contestada, diferença *hereditária* da cor da pele, até que se encontre posteriormente oportunidade para sua confirmação; da mesma forma, que se permita que eu assumo em vista desse traje da natureza [*Naturliverei*] não haver mais caracteres hereditários em um povo do que os quatro mencionados; exclusivamente pela razão, porque aquele número se deixa comprovar, mas fora ele nenhum outro se deixa distinguir com certeza.

A 395

VIII 94

3) NENHUMA OUTRA PROPRIEDADE CARACTERÍSTICA É NECESSARIAMENTE HEREDITÁRIA NA CLASSE DOS BRANCOS ALÉM DAQUELA QUE PERTENCE AO GÊNERO HUMANO EM GERAL; E ASSIM TAMBÉM NAS CLASSES RESTANTES

Entre nós brancos há muitas qualidades [*Beschaffenheiten*] hereditárias, que não pertencem ao caráter da espécie, pelas quais se diferenciam famílias e mesmo povos uns dos outros; porém, nem mesmo uma única delas é *infallivelmente* [*unausbleiblich*] assimilada [*anartet*]; mas, apenas aqueles que estão comprometidos com essas qualidades geram, com outros da classe dos brancos, crianças que carecem dessa qualidade diferenciadora. Assim, a cor loura é a distinção dominante na Dinamarca, ao passo que na Espanha (mas, mais ainda na Ásia, dentre os povos que fazem parte dos brancos) é dominante a cor de pele morena (com a sua conseqüente cor dos olhos e do cabelo). Essa última cor pode ser herdada, sem exceção, até mesmo em um povo isolado (como entre os chineses, para os quais os olhos azuis têm aparência cômica): porque dentre os mesmos não é encontrado qualquer louro, que pudesse transmitir a sua cor na procriação [*Zeugung*]. Mas, se um desses morenos tem uma mulher loura, então ele gera filhos morenos ou louros, uma vez que eles se desenvolvem [*ausschlagen*] em direção de um ou do outro lado; e assim também inversamente. Em certas famílias estão hereditariamente presentes tísica [*Schwindsucht*], escoliose, demência, etc.; mas nenhum desses incontáveis males hereditários é *infallivelmente* hereditário. Pois, embora fosse melhor evitar cuidadosamente tais uniões no casamento através de alguma atenção dirigida à linhagem familiar [*Familienschlag*], eu próprio já constatei várias vezes que um homem saudável gerou com uma mulher tísica um filho que se assemelhou a ele em todos os traços do rosto e na saúde, e, além desse, um outro filho que se parecia com a mãe e era tísico como ela. Da mesma forma, eu encontro um só filho demente entre diversos inteligentes [*klugen*] no casamento de um homem arrazoado com uma mulher que era ela própria arrazoada, mas que vinha de uma família na qual a demência era hereditária. Há aqui transmissão hereditária [*Nachartung*]; mas ela não é infalível nisso em que ambos os pais são diferentes. – Essa mesma regra também se pode tomar com segurança como princípio para as restantes classes. Negros, indianos ou americanos também têm suas diferenças pessoais, familiares ou provinciais; mas nenhum dos mesmos transmitirá e reproduzirá *infallivelmente* sua respectiva peculiaridade na procriação mista com aqueles que pertencem à *mesma classe*.

A 396

#### 4) NA MISTURA DAQUELAS QUATRO MENCIONADAS CLASSES UMAS COM AS OUTRAS, O CARÁTER DE CADA UMA É INFALIVELMENTE ASSIMILADO

O branco com a negra (e vice-versa) geram os *mulatos*, com a indiana os *amarelos*, e com a americana os mestiços *vermelhos*; o americano com a negra geram os *caraibas pretos*, e vice-versa. (A mistura do indiano com o negro ainda não foi tentado.) O caráter das classes é *infalivelmente* assimilado em misturas heterogêneas, e não há qualquer exceção sobre isso; mas onde se encontra alguma exceção, lá reside um mal-entendido por base, como quando um *albino* ou *barata* (ambos congenitamente deficientes) é tomado por branco. Essa assimilação [*Anarten*] sempre é bilateral, e jamais meramente unilateral, em um único e mesmo filho. O pai branco imprime nele o caráter da sua classe e a mãe preta o dela. Portanto, sempre tem de resultar uma linhagem intermediária ou um bastardo; cuja miscigenação se extingue gradativamente em maior ou menor extensão nos membros da procriação com uma única e mesma classe; mas, quando ela se restringe a sua própria linhagem intermediária, então se reproduz e se perpetua sem exceção.

A 398

#### 5) CONSIDERAÇÃO SOBRE A LEI DA PROCRIAÇÃO NECESSARIAMENTE HÍBRIDA

É um fenômeno sempre muito notável: que, embora existam certos caracteres hereditários parcialmente importantes e até mesmo familiares no gênero humano, não se encontra, no interior de uma classe de homens, caracterizada | meramente através da cor da pele, nem um único que seja necessariamente herdado; que, por outro lado, esse último caráter, quão insignificante ele possa parecer, seja universalmente e *infalivelmente* assimilado, tanto no interior dessa classe quanto na mistura da mesma || com uma das três restantes. Talvez se possa conjecturar desses curiosos fenômenos algo sobre as causas da

A 399

assimilação de tais propriedades, que não pertencem essencialmente ao gênero, meramente a partir da circunstância em que elas são infalíveis.

Primeiro: é um penoso empreendimento identificar *a priori* o que colabora para que algo, que não pertence à essência do gênero, possa ser *herdado* [*anerben*]; e, nessa escuridão das fontes de conhecimento, a liberdade das hipóteses é tão ilimitada que, por isso, ocupar-se com refutações, é apenas desperdício de esforço e trabalho, uma vez que cada um segue sua própria cabeça em tais casos. Eu, de minha parte, em tais casos, olho apenas para a particular *máxima da razão*, da qual cada um parte e, segundo a qual, geralmente também sabe encontrar fatos [*Facta*] que favoreçam aquelas; e, em seguida, procuro a minha própria máxima, que me torna descrente em relação a todas aquelas explicações, antes mesmo que eu saiba explicar as razões contrárias. Se agora eu julgo comprovada a minha máxima, precisamente adequada ao uso da razão na ciência da natureza e única apta ao modo de pensar conseqüente: então eu a | sigo, sem me voltar àqueles supostos fatos, que tomam emprestado sua credibilidade e suficiência, para a hipótese assumida, quase exclusivamente daquela máxima oportunamente selecionada, aos quais se pode opor sem esforço com outros fatos. A hereditariedade [*Anerben*] através da ação [*Wirkung*] da faculdade da imaginação em mulheres grávidas, ou mesmo nas éguas em estábulos da realeza; a extirpação da barba em povos inteiros, bem como o corte da ponta dos rabos em cavalos ingleses, pelo qual a natureza é pouco a pouco forçada a suprimir de suas procriações um produto, para o qual estava originalmente organizada; os narizes achatados, que fossem de início artificialmente suscitados pelos pais em crianças recém-nascidas, seriam posteriormente assimilados pela natureza na sua força procriante: esses e outros fundamentos de explicação muito dificilmente receberiam algum crédito através dos fatos aduzidos para sua defesa, aos quais se pode contrapor outros fatos muito melhor testados, se eles não recebessem sua recomendação da máxima de resto inteiramente correta da razão, a saber, esta: melhor arriscar tudo em conjecturas baseadas em fenômenos dados, do que admitir, para esse fim, primitivas forças particulares da natureza ou predisposições inatas (conforme a proposição fundamental: *principia praeter necessitatem*

A 400

VIII 97

*non sunt multiplicanda*<sup>5</sup>). Mas, eu sou confrontado com uma outra máxima, que limita aquela da economia de princípios dispensáveis, a saber: que, na natureza orgânica como um todo, em todas as alterações de criaturas individuais, a espécie [*Species*] das mesmas conserva-se inalterada (conforme a fórmula escolástica: *quaelibet natura est conservatrix sui*<sup>6</sup>). Agora está claro que, se ao mágico poder [*Zauberkraft*] da imaginação, ou do artifício humano em corpos animais, fosse outorgada uma capacidade de modificar a força procriadora, de remodelar o modelo originário da natureza ou de deformá-lo mediante aditivos que em seguida seriam persistentemente conservados nas subseqüentes procriações, não mais se saberia de qual original a natureza partiu, ou quão longe pode chegar a modificação desse original, e, já que a imaginação dos homens não conhece limites, em que forma distorcida os gêneros e espécies poderiam finalmente degenerar [*verwildern*]. Em conformidade com essa consideração, eu tomo por proposição fundamental não admitir qualquer influência grosseira da faculdade da imaginação sobre o processo de procriação [*Zeugungsgeschäft*] da natureza, e nem qualquer faculdade humana de provocar modificações no antigo original dos gêneros ou espécies através de artifícios externos, de levar tais modificações para dentro da força procriadora e torná-las hereditárias. Pois, se eu admito mesmo que um só caso desse tipo, é como se eu também admitisse uma história de fantasmas ou feitiçaria. Então, os limites da razão estão rompidos de uma vez por todas, e o delírio força sua passagem através dessa brecha em milhares de casos. Também não há perigo de que eu me torne deliberadamente cego para efetivas experiências com esta decisão ou, o que dá no mesmo, me torne obstinadamente incrédulo. Isto porque, sem distinção, todos os eventos fantásticos desse tipo carregam em si a característica de não permitir *qualquer experimento*, mas, em vez disso, pretendem ser provados tão-somente através de percepções apreendidas acidentalmente. Mas, aquilo que é de tal espécie que, embora seja suscetível de experimento, não suporta um único ou o evita continuamente com todo tipo de pretexto: isso nada mais é do que delírio e ficção. Estas são as razões porque eu não posso me filiar a um modo de explicação que basicamente promove a entusiástica propensão à arte mágica, para a qual toda e qualquer ocultação,

A 401

---

<sup>5</sup> Princípios não devem ser multiplicados para além da necessidade. (NT)

<sup>6</sup> A natureza sempre conserva a si mesma. (NT)



mesmo a menor, é desejável: a saber, a assimilação, mesmo aquela acidental, que nem sempre ocorre, jamais poderia ser o efeito de outra causa que não de germes e predisposições dispostas no próprio gênero.

VIII 98      || Ora, se eu quisesse admitir caracteres imediatamente resultantes de impressões acidentais e, não obstante, que vêm a ser hereditários: então certamente seria impossível explicar, desta maneira, como aquelas quatro diferenças de cor são *as únicas* entre todas as diferenças hereditárias que são *infalivelmente* assimiladas. O que mais pode ser a causa disso senão que elas têm de ter estado nos | germes do tronco originário (que nos é desconhecido) do gênero humano, quer dizer, como predisposições naturais que eram necessárias à preservação do gênero, ao menos na época inicial da sua proliferação, e, por isso, tinham de ocorrer infalivelmente nas gerações seguintes? A 403

Nós seremos, portanto, forçados a admitir que, certa vez, existiram *troncos diferentes* de homens, mais ou menos nos mesmos domicílios nos quais nós os encontramos atualmente, que estavam precisamente ajustados pela natureza às suas diferentes regiões do mundo, por conseguinte, também diferentemente organizados, a fim de que o gênero se conservasse; dos quais os quatro tipos de cor de pele são a marca externa. Essa cor da pele será então necessariamente hereditária em cada tronco, não apenas no seu domicílio, mas também, se o gênero humano já estiver suficientemente fortalecido (se é que o completo desenvolvimento ocorreu apenas aos poucos, ou que a arte foi capaz de auxiliar a natureza através do progressivo uso da razão), conservar-se-á sem redução em qualquer outra região da Terra em todas as procriações da mesma classe. Pois, esse caráter está necessariamente ligado à força procriadora, uma vez que foi indispensável à conservação da espécie. – Mas, se esses troncos fossem *originários*, seria absolutamente impossível explicar e compreender porque então, na mútua mistura desses troncos | entre si, o caráter da diferença dos mesmos é *infalivelmente* assimilado, como efetivamente ocorre. Pois, a natureza deu a cada tronco o seu caráter originariamente em referência ao seu clima e a fim de adequar-se ao mesmo. Portanto, a organização de um tronco tem um fim totalmente diferente da do outro; e que, apesar disso, as forças procriadoras de ambos deveriam ajustar-se tão bem, mesmo nesse ponto de suas diferenças características, que daí não só *podia* originar, mas *tinha* A 404

VIII 99

infalivelmente de resultar uma linhagem intermediária: isso é algo absolutamente impossível de compreender na diferença dos troncos originários. Somente se admitimos que as predisposições para todas essas diferenças de classe têm necessariamente de ter estado nos germes de *um único tronco primitivo* [*ersten*], a fim de que ele fosse apto ao progressivo povoamento de diferentes regiões do mundo, torna-se possível compreender por que, quando essas predisposições se desenvolveram ocasionalmente e em conformidade com esse tronco também em diferentes formas, originaram-se diferentes classes de homens, que na seqüência também tiveram de levar seu determinado caráter necessariamente para a procriação com qualquer outra classe, uma vez que ele pertenceu à possibilidade da própria existência da espécie, por conseguinte também à possibilidade da sua proliferação, e foi derivado da necessária predisposição primitiva no gênero fundamental [*Stammgattung*]. Portanto, de tais propriedades infalivelmente hereditárias, quer dizer, hereditárias mesmo na mistura com outras classes, ainda que de forma híbrida, somos forçados a inferir essa sua derivação a partir de um único tronco, porque sem esse a *necessidade* da assimilação não seria compreensível.

A 405

6) APENAS AQUILO QUE É INFALIVELMENTE HEREDITÁRIO, NA DIFERENÇA DE CLASSES DO GÊNERO HUMANO, PODE JUSTIFICAR A DESIGNAÇÃO DE UMA RAÇA HUMANA PARTICULAR

VIII 99

Propriedades que pertencem essencialmente ao gênero e, portanto, são comuns a todos os homens enquanto tais, na verdade, são infalivelmente hereditárias; mas, porque nisso não reside qualquer diferença dos homens, elas não são levadas em consideração na divisão das *raças*. Caráteres físicos, por meio dos quais os homens (sem diferença de sexo) se *diferenciam* uns dos outros, mais precisamente, apenas os que são hereditários, são levados em consideração (veja § 3), a fim de fundar sobre isso uma divisão do gênero em classes. Mas, essas classes apenas podem ser denominadas *raças* se aqueles caráteres forem *infalivelmente* assimilados (tanto na mesma classe como na mistura com qualquer outra). Portanto, o conceito de uma raça abarca em primeiro lugar o conceito de um tronco

A 405

A 406

VIII 100 comum e, em segundo lugar, caracteres *necessariamente hereditários* de diferença de classe entre os descendentes do mesmo. A partir do que foi dito, ficam estabelecidos confiáveis fundamentos de diferenciação, segundo os quais nós podemos dividir o gênero em classes, que então, devido ao primeiro ponto, a saber, à unidade do tronco, não podem de forma alguma se denominar *espécies*, mas tão-somente *raças*. A classe dos brancos não se diferencia da dos pretos como espécie particular no gênero || humano; e não há *espécies diferentes de homens*. Desta maneira, a unidade do tronco, da qual elas poderiam ter se originado, seria negada; para o qual não se tem qualquer razão [*Grund*], ao passo que se tem uma razão muito importante para o contrário, como foi demonstrado pela infalível hereditariedade dos seus caracteres de classe.<sup>7</sup>

| Portanto, o conceito de uma raça é: *a diferença de classe dos animais de um mesmo tronco, na medida em que ela é infalivelmente hereditária*. Essa é a determinação que eu tenho propriamente por objetivo neste ensaio; o resto pode ser considerado como pertencente a um objetivo secundário ou mero acréscimo, e pode ser aceito ou rejeitado. Apenas o primeiro ponto eu tomo por provado e, além disso, útil como princípio para a investigação na história da natureza, uma vez que é capaz de um *experimento* que pode seguramente guiar a aplicação daquele conceito, que seria vacilante e incerto sem esse experimento. – Se homens de diferentes aspectos [*verschiedentlich gestaltete Menschen*] forem postos em circunstâncias de se misturarem, e se a procriação é híbrida, então há uma forte suspeita de que eles poderiam pertencer a raças diferentes; mas, se esse produto da mistura deles é *sempre* híbrido, então aquela suspeita torna-se certeza. Por outro lado, se apenas uma única procriação não apresentar qualquer híbrido, então se pode estar seguro

---

<sup>7</sup> Inicialmente, quando se tem diante dos olhos tão-somente os caracteres da comparação (em termos de semelhança ou dessemelhança), se obtém *classes* de criaturas sob um gênero. Se se olha mais longe, para a sua origem, então tem de se revelar se aquelas classes são muitas *espécies* diferentes ou apenas *raças*. O lobo, a raposa, o chacal, a hiena e o cachorro doméstico são algumas das muitas classes de animais de quatro patas. Se se admite que cada um dos mesmos precisou de uma origem particular, então há o mesmo tanto de espécies; mas, se se concede que eles também podem ter se originado de um tronco, então eles são apenas raças do mesmo tronco. *Gênero* e *espécie* não são propriamente distinguidos na *História da Natureza* (que tem a ver apenas com a procriação e a descendência). Contudo, essa distinção ocorre na *Descrição da Natureza*, uma vez que depende meramente da comparação das marcas. O que aqui é chamado de *espécie*, lá tem de ser denominado unicamente *raça*. (K)

que ambos os pais do mesmo gênero, | quão diferentes eles possam parecer, pertencem a uma mesma raça. A 408

VIII 101

Eu assumi apenas quatro raças do gênero humano: não como se eu estivesse inteiramente seguro de que não há em lugar algum qualquer pista de outras raças; || mas porque somente nessas raças está *representado* aquilo que eu exijo para o caráter de uma raça, a saber, a procriação híbrida, isso, no entanto, em nenhuma outra classe de homens está suficientemente provado. Desta maneira, afirma o senhor *Pallas*,<sup>8</sup> na sua descrição do povo mongol: que a primeira procriação de um russo com uma mulher do último povo (uma *buriate*) produz imediatamente belos filhos; mas ele não indica se algum traço de origem calmuca pode ser encontrado nos mesmos. Seria uma estranha circunstância se a mistura de um mongol com um europeu devesse eliminar inteiramente os traços característicos do primeiro povo, uma vez que na mistura com povos do sul (presumivelmente com indianos) ainda podem ser encontrados de forma mais ou menos discernível nos *chineses*, *ávaros*, *malaios*, etc. Mas, a particularidade mongol concerne propriamente à feição e não à cor, que é a única da qual a experiência até agora realizada tem ensinado uma infalível assimilação [*Anartung*] como o caráter de uma raça. Também não se pode discernir com certeza se a feição cafre dos Papuas e dos habitantes de diferentes ilhas | do oceano pacífico, que são assemelhados aos papuas, indica uma raça particular, já que ainda não se conhece o produto da sua mistura com os brancos; pois, eles são suficientemente distintos dos negros através da sua barba cerrada, embora crespa. A 409

## OBSERVAÇÃO

A presente teoria, que assume certos *germes* originários no primitivo tronco comum dos homens, propriamente *predestinados* às presentes diferenças raciais, baseia-se

---

<sup>8</sup> Peter Simon Pallas (1741–1811) foi um botânico e zoologista alemão. Também foi membro da Academia de Ciências de São Petersburgo e realizou, por incumbência do governo do Império Russo, duas grandes expedições (a primeira entre 1760 e 1774, e a segunda entre 1793 e 1794) a partes até então pouco conhecidas do Império Russo, como a Sibéria e a Criméia. – Cf. PALLAS, Peter Simon. *Sammlung historischer Nachrichten über die mongolischen Völkerschaften*. Teil I, St. Petersburg, 1776. (NT)

inteiramente na *infalibilidade* da assimilação dessas diferenças, que é confirmada nas quatro raças mencionadas por toda experiência. Aquele que toma esse fundamento de explicação por uma desnecessária multiplicação de princípios na história da natureza, e acredita que se pode perfeitamente prescindir das mesmas predisposições especiais da natureza e, na medida em que se assume que o primeiro tronco de genitores era branco, explicar as restantes assim denominadas raças a partir de impressões subseqüentes produzidas mediante ar e sol nos descendentes mais tardios: esse, ainda não provou coisa alguma, se ele alega que certa outra peculiaridade finalmente se tornou hereditária, e constitui um caráter físico de povo, meramente devido à longa residência de um povo exatamente na mesma região. Ele tem de aduzir um exemplo da *infalibilidade* da assimilação de tais peculiaridades, mais precisamente, não no mesmo || | povo, mas na mistura com qualquer outro povo (que dele diverge nisso), de modo que a procriação mostre sem exceção um resultado híbrido. Mas, isso ele não está em condições de realizar. Pois, para esse propósito, não se encontra qualquer exemplo de algum outro caráter, além daquele que nós mencionamos, e cujo início ultrapassa toda história. Caso ele prefira admitir diferentes *troncos humanos primitivos* com semelhantes caracteres hereditários: então, *em primeiro lugar*, a filosofia estaria assim pouco informada [*geraten*], teria nesse caso de recorrer a diferentes criaturas e mesmo com isso acabaria sempre por perder a unidade do gênero. Isto porque, animais, cuja diversidade é tão grande que, para sua existência, seria necessária a mesma quantidade de criações diferentes, certamente podem pertencer a um *gênero nominal* (a fim de classificá-los de acordo com certas semelhanças), mas nunca a um *gênero real*, o qual absolutamente requer ao menos a possibilidade da descendência de um único par. Encontrar o último tipo de gênero é, entretanto, propriamente uma tarefa da história da natureza; com o primeiro tipo pode se contentar aquele que descreve a natureza. Mas, *em segundo lugar*, também nesse caso, seria sempre assumida a peculiar harmonia das forças procriadoras de dois gêneros diferentes, os quais, na medida em que são completamente estranhos uns aos outros em vista de suas origens, podem, apesar disso, | ser fecundamente misturados uns com os outros, de forma inteiramente gratuita e sem outra razão além de que assim agrada à natureza. Se, para provar essa última suposição, se quer citar animais nos quais isso ocorre, a despeito da

diferença em seus troncos primitivos: então cada um negará, em tais casos, a última suposição e, em vez disso, concluirá a unidade do tronco justamente da ocorrência de uma tal mistura fecunda, como é o caso na mistura entre cães e raposas, etc. Portanto, a *infalível assimilação* das peculiaridades de ambos os pais é a única pedra de toque verdadeira e ao mesmo tempo suficiente da diferença das raças, às quais eles pertencem, e uma prova da unidade do tronco do qual eles se originaram: a saber, dos germes originários depositados nesse tronco e desenvolvidos na seqüência das procriações, sem os quais aquelas multiplicidades hereditárias não teriam surgido e, principalmente, não poderiam ter se tornado *necessariamente hereditárias*.

O ser *conforme a fins* [*das Zweckmäßige*] em uma organização é o fundamento geral a partir do qual nós inferimos uma preparação originariamente disposta na natureza de uma criatura com esse propósito e, se esse fim devia ser atingido apenas mais tarde, germes inatos. Ora, na peculiaridade de nenhuma raça esse ser conforme a fins é possível de demonstrar tão claramente quanto é na *raça negra*; contudo, o exemplo extraído exclusivamente dessa última raça também nos autoriza a ao menos supor, por analogia, o mesmo das restantes. Agora se sabe que o sangue humano torna-se preto (como pode ser observado na face inferior de um coágulo de sangue) meramente por estar sobrecarregado com flogisto.<sup>9</sup> Ora, o forte odor dos negros, que não pode ser remediado mediante qualquer tipo de depuração, já dá ensejo para supor que a sua pele elimina uma grande quantidade de *flogisto* do sangue, e que a natureza tem de ter organizado essa pele de tal forma que o sangue possa neles se *desflogisticar* através dela em medida muito maior do que ocorre conosco, onde isso geralmente é uma tarefa do pulmão. Apenas os autênticos negros residem também em regiões nas quais o ar torna-se tão flogisticado por densas florestas e

VIII 103

A 412

<sup>9</sup> A teoria do flogisto, desenvolvida pelo químico e médico alemão Georg Ernst Stahl (1659-1734), sustentava que os corpos orgânicos e os metais possuem uma matéria chamada flogisto (que significa inflamável), que é liberada no ar durante os processos de combustão ou de calcinação. A teoria de Stahl foi amplamente aceita pela comunidade científica da sua época, pois permitia explicar vários fenômenos, como, por exemplo, a diminuição da massa de um corpo ao ser queimado, a impossibilidade de um combustível queimar sem a presença de ar, e o fim de uma combustão, etc. O primeiro fenômeno poderia ser explicado como ocorrendo devido à perda de flogisto; o segundo porque o ar é indispensável para a absorção do flogisto liberado na queima; e o terceiro em virtude da saturação do ar com flogisto. (NT)

regiões cobertas por pântano que, conforme o relato de Lind,<sup>10</sup> é um perigo de vida para os marinheiros ingleses navegar o *Rio Gâmbia* acima, mesmo que por um dia, a fim de lá comprar carne. Portanto, foi uma medida muito sábia tomada pela natureza organizar a pele deles de tal modo que o sangue, uma vez que ele nem de longe elimina suficiente flogisto através do pulmão, possa se desflogisticar muito mais intensamente através dela do que ocorre conosco. O sangue teve, por conseguinte, de transportar muito flogisto para as extremidades das artérias, | para conseqüentemente estar sobrecarregado com isso nesse local, isto é, sob a própria pele, e assim transparecer preto, ainda que esteja suficientemente vermelho no interior do corpo. Além disso, a diferença da organização da pele negra em relação à nossa já é perceptível pelo tato [*nach dem Gefühle*]. – Mas, no que concerne à conformidade a fins [*Zweckmäßigkeit*] da organização de outras raças, na medida em que ela pode ser inferida da cor: não se pode evidentemente demonstrá-la com probabilidade equivalente; no entanto, tampouco há uma completa falta de fundamentos de explicação da cor da pele, que possam sustentar aquela suposição da conformidade a fins. Se o Abade Fontana<sup>11</sup> tem razão no que afirma contra o cavalheiro Landriani,<sup>12</sup> a saber, que o ar fixo [*fixe Luft*],<sup>13</sup> que é expelido do pulmão em cada expiração, não provém da atmosfera, mas sim do próprio sangue, então uma raça humana poderia perfeitamente ter um sangue sobrecarregado com esse ácido do ar [*Luftsäure*],<sup>14</sup> que os pulmões sozinhos não poderiam remover, e os vasos || da pele ainda teriam de colaborar com essa tarefa (naturalmente não em forma de ar, mas sim combinada com outros materiais exalantes). Nesse caso, o presumido *ácido do ar* outorgaria às partículas de ferro no sangue a cor avermelhada de

<sup>10</sup> James Lind (1716-1794) foi um médico escocês, pioneiro da higiene naval na marinha real britânica, e descobridor da cura para o escorbuto. – Cf. LIND, James. *An essay on Diseases incidental to Europeans in hot climates*. London, 1768. (NT)

<sup>11</sup> Felice Gaspare Ferdinando Fontana (1730-1805) foi um abade, naturalista e físico italiano, que descobriu a reação química da mudança do vapor de água, na qual o monóxido de carbono reage com a água para formar dióxido de carbono e hidrogênio. Também é considerado pioneiro da toxicologia moderna e dos estudos sobre o olho humano. – Cf. FONTANA, Felice. *Recherches physiques sur la nature de l'air nitreux et de l'air déphlogistiqué*. Paris, 1776. (NT)

<sup>12</sup> Marsilio Landriani (1751-1815) foi um conde, físico e químico italiano. – Cf. LANDRIANI, Marsilio. *Ricerche fisiche intorno alla salubrità dell'aria*. Milano, 1775. (NT)

<sup>13</sup> As propriedades do dióxido de carbono foram estudadas por Joseph Black (1728-1799), que o denominou *ar fixo* em 1754, pois acreditava que se tratava de um gás irrespirável e que impedia o processo de combustão. (NT)

<sup>14</sup> Atualmente, denominado como ácido carbônico (*Kohlensäure*). (NT)

ferrugem, que distingue a pele dos americanos; e a assimilação dessa constituição da pele pode ter recebido sua necessidade do fato de que os atuais habitantes dessa parte do mundo podem ter chegado a sua atual residência partindo do nordeste da Ásia, conseqüentemente apenas passando pelas costas e talvez mesmo sobre o gelo do mar polar. Mas, a água desses mares tem de, em seu contínuo congelamento, expelir continuamente uma enorme quantidade de ar fixo, com o qual, portanto, a atmosfera estará lá supostamente mais sobrecarregada do que em qualquer outro lugar; por isso, a natureza pode ter providenciado a eliminação do mesmo (já que, uma vez inalado, o ar fixo não é suficientemente eliminado dos pulmões) antecipadamente na organização da pele. Também se pretende, de fato, ter percebido muito menos sensibilidade na pele dos americanos nativos, o que poderia ser uma conseqüência daquela organização que posteriormente, uma vez desenvolvida em diferença racial, se conservou também em climas mais quentes. Todavia, mesmo nesses climas não pode faltar material para o exercício da sua tarefa; pois todos os alimentos contêm em si uma quantidade de ar fixo, que pode ser absorvido pelo sangue e removido pela mencionada via. – O *álcali volátil* é outro material que a natureza tem de eliminar do sangue; para cuja secreção, ela também pode ter colocado certos germes de uma particular organização da pele naqueles descendentes do primeiro tronco que encontrariam sua estadia, nos primórdios do desenvolvimento da humanidade, em uma região seca e quente, o que tornou o seu sangue extraordinariamente capaz de produzir aquele material em excesso. As mãos frias dos indianos, mesmo quando estão cobertas com suor, parecem confirmar uma organização diferente da nossa. – Certamente há pouco consolo para a filosofia na produção artificial [*Erkünstelung*] de hipóteses. Elas são, entretanto, boas para eventualmente responder a um oponente, que, se não encontra qualquer objeção considerável contra a proposição principal [*Hauptsatz*], exulta com o fato de que o assumido princípio nem mesmo pode tornar compreensível a possibilidade dos fenômenos, – e ao *seu* jogo de hipóteses com um ao menos igualmente verossímil.

A 414

A 415

A 415

VIII 105

|| Mas, se pode assumir qualquer sistema que se queira; assim, permaneceria certo que as raças atualmente existentes não mais podem se extinguir, se toda mistura das mesmas entre si fosse evitada. Os *ciganos* encontrados entre nós, dos quais é comprovado

A 416



que são *indianos*, relativamente à sua ascendência, fornecem a prova mais clara disso. É possível traçar para muito além de trezentos anos a presença deles na Europa; e eles ainda nem minimamente degeneraram da feição dos seus ancestrais. Os *portugueses* do *Rio Gâmbia*, que supostamente degeneraram em negros, são descendentes de brancos que se *bastardearam* com pretos; pois, em que lugar está relatado, e como é mesmo provável, que os primeiros portugueses que lá chegaram teriam trazido outro tanto de mulheres brancas, e que todas elas também permaneceram vivas tempo o suficiente ou teriam sido repostas por outras brancas, a fim de instituir uma pura descendência de brancos em uma parte estranha do mundo? Há, em contrapartida, informações mais precisas acerca disso: como todos os colonos enviados para *São Tomé* morreram, o rei *João II.*,<sup>15</sup> que governou de 1481 à 1495, povoou essa ilha exclusivamente com crianças judias batizadas (na confissão cristã portuguesa), das quais, até onde se sabe, descendem os atuais brancos dessa mesma ilha. Os crioulos negros na América do Norte e os holandeses em Java permanecem fiéis a sua raça. Não se deve confundir a pintura, que o sol adiciona à pele deles, mas que um ar frio retira novamente, com a da cor própria da raça; pois aquela certamente nunca é herdada. Portanto, os germes, que estavam originariamente depositados no tronco do gênero humano para a geração das raças, têm de ter se desenvolvido já nos tempos mais remotos conforme a necessidade [*Bedürfniß*] do clima, se a estadia perdurou por longo tempo; e, depois que uma dessas predisposições estava desenvolvida em um povo, todas as restantes extinguíram-se completamente. Por isso, não se pode admitir que uma mistura de diferentes raças, conforme certa proporção, possa ainda hoje restabelecer [*auf neue herstellen*] a feição do tronco humano. Pois, do contrário, os mestiços, que são gerados dessa copulação desigual, se decomporiam ainda hoje (como outrora o tronco primitivo) espontaneamente nas suas procriações, quando transplantados em diferentes climas, voltando às suas cores originais; o que não se está autorizado a presumir através de qualquer experiência anterior, porque todas essas gerações de bastardos preservam-se, em sua própria proliferação ulterior, tão persistentemente quanto as raças, de cuja || mistura eles se originaram. Portanto, é impossível hoje adivinhar como pode ter sido constituída a feição do primitivo tronco humano (segundo a qualidade da pele); mesmo o caráter dos brancos é

---

<sup>15</sup> Dom João II. de Portugal (1455-1495) foi o décimo-terceiro Rei de Portugal. (NT)

apenas o desenvolvimento de uma das predisposições originárias, que deviam ser encontradas junto das restantes naquele tronco.